

# JOHN DE LISBOA MALKOVICH A TORRES VEDRAS

Arthur Wellesley, o Duque de Wellington, foi a personagem que trouxe John Malkovich de volta a Portugal na super-produção que se sucederia a *Mistérios de Lisboa* na carreira de Raúl Ruiz, falecido durante a pré-produção e substituído por Valeria Sarmiento. **Luís Salvado** falou em exclusivo com John Malkovich sobre *Linhas de Wellington*, sobre Ruiz e, claro, sobre Lisboa.

**Toda a gente sabe que tem uma forte ligação com Lisboa, nomeadamente como sócio do Lux e da Bica do Sapato, que se tornaram os dois locais mais cool da cidade. Isso foi uma aposta de sorte ou esteve mesmo envolvido no projecto?**

Não foi exactamente uma aposta de sorte no sentido em que eu tinha ido ao Pap' Açorda muitas vezes e à loja de mobiliário [a Loja da Atalaia] do Manuel Reis, por isso já fazia uma boa ideia do bom gosto e da elegância deles [Fernando Fernandes e José Miranda são proprietários do Pap' Açorda, em que Manuel Reis também esteve envolvido, e os três são accionistas maioritários da Bica do Sapato]. A surpresa foi o quão bons parceiros eles se revelaram. Repare, nenhum de nós tem 14 anos e tanto o clube nocturno como o restaurante são trabalhos muito duros. Mas eles têm sido parceiros fantásticos, são inteligentes, divertidos e cultos. Estou muito orgulhoso dos dois locais.

**Encontra alguma explicação para o fascínio que toda a gente sente por Lisboa, para além da luz, que é a resposta mais ou menos habitual?**

Para mim a luz é muito importante, mas é o também a cultura e as pessoas. Principalmente as pessoas. Por exemplo, o meu condutor n' *O Convento* era não só absolutamente hilariante como falava cinco línguas e mais tarde acabou por organizar programas no Centro Cultural de Belém. E não é muito provável que o nosso condutor na América seja assim. Há tantos locais únicos e belos em Lisboa, e eu próprio só conheci excelentes pessoas aí. E fiz muitos amigos ao longo dos anos, tive experiências

fantásticas. Claro que há muitos locais do mundo onde tenho amigos, mas para mim Lisboa não tem rival. Toda a gente fala da luz, e é muito bela, mas é mais do que isso. Eu nem sei se consigo descrever o que eu gosto em Lisboa, mas gosto sempre muito de aí voltar.

**O seu primeiro contacto com Portugal foi precisamente por via do filme *O Convento*, que fez com o Manoel de Oliveira, certo?**

Sim, tudo surgiu devido ao Paulo Branco, que eu conheci através de um querido amigo mútuo de ambos, o Chema Prado [director da Filmoteca Espanhola], que conheci por via da equipa do [Bernardo] Bertolucci há muitos anos atrás. O Chema telefonou-me a dizer que o Paulo, que eu tinha encontrado várias vezes, me ia oferecer um papel num filme do Manoel de Oliveira. Eu só tinha visto um filme do Manoel, o *Vale Abraão*, e disse "tudo bem, eu vou olhar para o argumento". Parte de ser um actor, pelo menos para mim, são as experiências que temos e os caminhos que cruzamos com outras pessoas. Nunca foi meu desejo ter uma carreira em Hollywood ou na Broadway. E quando essa oportunidade surgiu, fiquei muito feliz por aceitá-la.

**Mas essa também foi a primeira vez que deu um salto para as produções europeias na sua carreira...**

Tem razão, foi uma espécie de salto, em que eu não pensei assim tanto porque me pareceu muito natural e interessante. Tenho tido muita sorte por ter trabalhado com o [Stephen] Frears, o [Volker] Schlöndorff, o [Michelangelo] Antonioni, o Bernardo, o Raúl Ruiz e o Manoel de Oliveira, entre outros. Muitos dos meus amigos da América, que são actores, acham que tenho uma sorte doida, e eu concordo com eles.

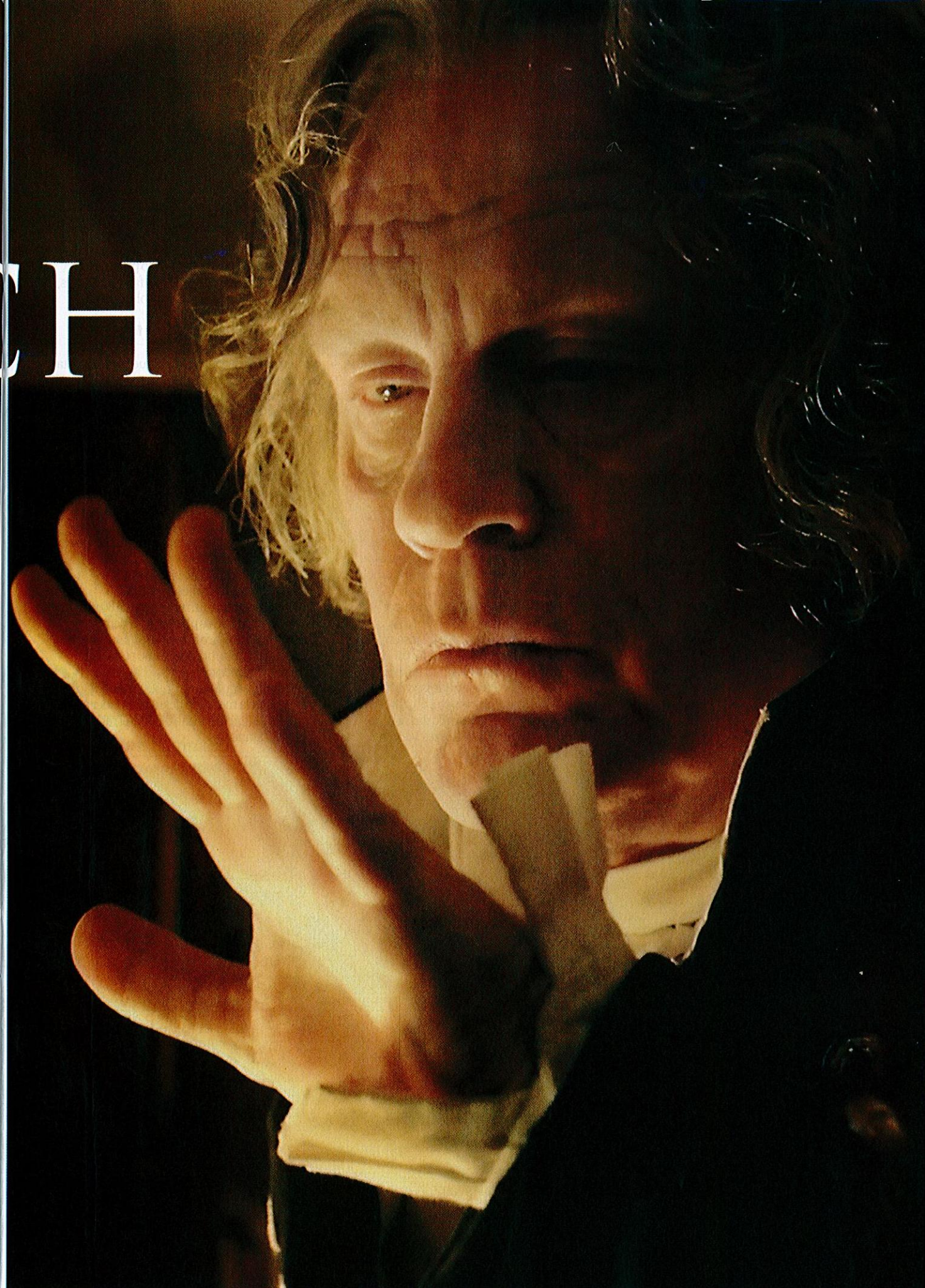
Claro que eu poderia ter vivido em Hollywood a fazer isto e aquilo, mas vivo igualmente bem.

Tenho lá imensos amigos e vou lá muitas vezes fazer grandes filmes americanos...

**Parece que tem o melhor dos dois mundos, faz os pequenos filmes independentes na Europa e os grandes blockbusters americanos, como o *Transformers* e o *RED - Perigosos*, que é muito divertido.**

Sim, começamos agora a rodar a sequência do *RED*, já terminámos a primeira semana. Gosto muito da equipa, diverti-me imenso a rodar o primeiro filme e, pelo menos até agora, estou a divertir-me ainda mais a filmar ao segundo. Mas eu sou egoísta demais para fazer apenas isso e gosto demasiado das experiências e das pessoas que encontro a trabalhar noutros sítios. **Calculo que uma das maiores vantagens de ter filmado *O Convento* tenha sido precisamente a descoberta de Portugal, já que se apaixonou pelo país, ao qual tem voltado várias vezes...**

Sim, é verdade, adoro Portugal. E pude trabalhar nesse filme com o Luis Miguel Cintra, que é um actor magnífico, que mais tarde utilizei num filme que realizei no qual filmei algumas semanas no Porto e em Espinho [The *Dancer Upstairs*], e com a Alexandra Lencastre e a Leonor Silveira, de quem também gosto muito. Espero passar alguns meses em Portugal em Fevereiro, caso consiga reunir o dinheiro para um projecto que estou a preparar com o Paulo Branco, um filme baseado numa ópera que tenho feito nos últimos anos chamada *The Giacomo Variations*. Esperamos rodar em Évora e Lisboa. Depende de conseguirmos reunir as condições necessárias, mas o Paulo





Wellington ajuda Portugal a deter as Invasões Francesas

consegue-o sempre, de alguma maneira. **Sei que o encontro com Raúl Ruiz também se fez por via do Paulo Branco...**

Sim, eu conheci o Raúl no apartamento do Paulo em Paris, quando o Paulo me telefonou para fazer *O Tempo Reencontrado*, uma adaptação do *Em Busca do Tempo Perdido*, do Marcel Proust. Primeiro pensei que ele estava louco para me convidar para fazer um filme do Proust em francês, o que seria um trabalho insano, mas como eu gosto muito do Paulo e gostei imenso do Raúl quando o conheci, disse "Ok, vou tentar". É adorei trabalhar com o Raúl, tanto que acabámos por fazer três filmes juntos. *O Linhas de Wellington* seria o quarto.

**O filme acabou por ser realizado pela Valeria Sarmiento, viúva de Ruiz. Acha que ele o dirigiu de forma reverencial, como se fosse um filme-testamento, ou que assumiu a sua própria personalidade enquanto realizadora?**

Não sei, é difícil de dizer porque eu tive um papel pequeno no filme. Ela tinha montado os filmes que eu fiz com o Raúl mas eu nunca tinha trabalhado com ela como realizadora. Nunca se sabia exactamente como é que o Raúl ia fazer as

coisas, porque ele tinha sempre uma visão singular e única. Mas penso que se alguém tinha uma ideia de como o Raúl faria este filme, então seria a Valeria. É difícil para mim responder, até porque eu ainda não vi o filme, porque não pude ir ao Festival de Veneza onde ele estreou, e ainda não tinha leitor de blu-ray quando o Paulo me enviou. Quando o Raúl faleceu, o Paulo discutiu comigo a hipótese de ser eu a realizar o filme, mas eu não pude fazê-lo porque estava a encenar uma peça em Paris durante todo o período em que deveria estar a preparar e a rodar o filme.

**O seu general Wellington não é retratado como o estratega brilhante do costume, mas mais como um tonto que se preocupa mais com a auto-promoção...**

Sim, e isso foi muito divertido. É sempre engraçado fugir aos retratos habituais, principalmente de figuras que já foram retratadas muitas vezes. E nem foi preciso aprofundar aqui muita coisa em termos de estudo, porque a verdade é que isso não iria ajudar assim tanto, já que isto é um filme, não é uma biografia, nem um estudo da História. A caminho de Torres Vedras, o

Wellington aqui não faz muito mais senão sentar-se para ser retratado e dar a receita do bife Wellington, o que acho bastante divertido. **Ficou surpreendido por todo o elenco ter permanecido no projecto mesmo após a morte de Ruiz e a mudança de realizador?** Não, e isso deve-se ao carisma do Ruiz e ao amor que os actores lhe tinham. Eu teria feito tudo o que o Raúl me pedisse para fazer. Acreditava imenso na sua singularidade, na sua cultura, no seu humor, na sua estranheza, na sua incrível riqueza e conhecimento cinematográfico, e principalmente na sua imensa curiosidade sobre o mundo. Claro que eu não pude fazer o *Mistérios de Lisboa* porque não falo português, mas achei que era um filme absolutamente fantástico.

**Todos os actores costumam falar maravilhas dele.**

Sim, eu não posso imaginar alguém a não gostar da experiência de trabalhar com o Raúl. Ele é como o Manoel, é único. Sabe que aconteceu uma coisa curiosa quando o filme estava a ser apresentado em Veneza. Nesse mesmo momento eu estava a visitar o túmulo do Raúl em Santiago do Chile, e estava muito comovido porque o túmulo dele é muito simples, num lugar muito bonito, só uma pedra lisa num enorme caminho com plátanos. E lembrei-me que no primeiro filme que fiz com ele, quando ainda falava pouco francês e tinha dificuldade em acompanhar o que os outros diziam, lhe perguntei se era suposto ou não eu estar naquela sala naquele momento. E ele respondeu-me com um monólogo de 30 minutos sobre porque é que os plátanos perdem o seu tecido vegetal... Claro que ele nunca respondeu à minha pergunta, porque, como eu saberia mais tarde, ele nunca respondia a uma pergunta directa. Mas eu fiquei muito comovido porque aquela memória dele a responder à pergunta se ligava à visão dele enterrado sob aqueles plátanos.